

# OS CULTOS DE ÍSIS E DE MITRA NA ANTIGA ROMA: UMA PRIMEIRA ABORDAGEM

João RIBEIRO JUNIOR

A partir do II século d. C. começam a aparecer em Roma muitas religiões estrangeiras, trazidas de várias regiões do Império por mercadores e soldados. Como elas continham um elemento de iniciação secreta e intensa identidade coletiva, logo exerceram grande atração entre os romanos, cuja religião oficial, sem muito atrativo e sem mistério, porque era política, já não os satisfazia.

Cícero, Salústio, Horácio e Tito Lívio afirmavam que os romanos eram o povo mais religioso do mundo. Porém, a verdade é que os romanos se comprometiam a honrar às divindades, se estas, em troca, lhes concedessem favores. O realismo romano levou, assim, a uma religião sem misticismo e sem dogma. A religião romana, portanto, em sua essência, não era espiritual; sua preocupação básica não visava o melhoramento moral do homem, senão afastá-lo dos perigos e protegê-lo dos males. Prático, positivo, formalista, o romano organizou o culto à sua imagem. Assim, o pater-famílias era, por ofício, o sacerdote da família, que sacrificava em nome dos seus; enquanto que o culto público, eminentemente estatal, ficava a cargo dos funcionários e dos magistrados. Não havia, como entre outros povos da Antiguidade, a casta sacerdotal.

Numa reação de caráter predominantemente nacionalista, que tentou reanimar uma vez mais as antigas crenças, o imperador Otávio Augusto, cujo governo se estendeu de 30-14 d. C., a conselho de Varrão e de Horácio, fez reformas religiosas, restaurou templos e santuários (Por ter restaurado 82 templos, Tito Lívio o chama de Templorum omnium Conditor ac Restitutor, Fundador e Restaurador de todos os templos), e instituiu o culto oficial do Imperador (Augustus = Santo, Sagrado, Venerável). baseado em modelos

helenísticos. Não só adorava-se o Imperador vivo, como a todos os membros de sua família. Era uma forma de se mostrar lealdade ao Estado. Medida puramente política, não pretendia criar nova religião, senão dar alento às antigas crenças. À princípio, o resultado foi positivo, principalmente nas províncias, encontrando apenas a oposição do Judaísmo e do Cristianismo.

Contudo, esse culto imperial, uma das principais formas da religião oficial, apesar do entusiasmo que despertou, era demasiado exterior, não alcançando as aspirações espirituais mais profundas do povo romano. Deste modo, as religiões orientais e as organizações de iniciação das mais variadas espécies, com sua filosofia, misticismo e promessa de salvação individual, tiveram êxito surpreendente. Multiplicaram-se então, em Roma e na Itália, os Mistérios (cerimônias secretas) de Dionísio, de Hécate, da Grande Mãe, de Serápis, de Cibele e Átis, de Ísis, de Mitra...

Aos poucos, o politeísmo é substituído por um novo conceito universal da divindade, que vai abrir caminho, entre essas religiões orientais, para o triunfo definitivo do Cristianismo.

Para um estudo pormenorizado dos cultos orientais, tratando de forma conveniente todos os problemas, necessitaríamos de um alentado volume, porisso contentei-me em esboçar um quadro apenas dos cultos de Ísis e de Mitra. Remeto o leitor interessado para as seguintes obras: Franz Cumont. *Les Religions Orientales dans le Paganisme Romain*, Paris, s/ed./1909; Salomon Reinach. *Orpheus*, Paris, Librairie D'Éducation Nationale, 1925; Mircea Eliade. *História das Crenças e das Idéias Religiosas*, Rio, Ed. Zahar, 1970, Tomo II, vol. 2.

## O CULTO DE ÍSIS

Vindo do Egito, o culto de Ísis e Osíris sofreu em Roma várias perseguições, chegando o Senado a abolir seus santuários e estátuas. Em 38 d.C. construiu-se um templo de Ísis no Campo de Marte, e o culto, com o apoio dos Antoninos e dos Severos, começou a crescer, espalhando-se pelas províncias.

Pouco se sabe dos Mistérios de Ísis, e mesmo sobre o desenrolar das duas festas principais: *Navigium Isidis* (Navio de

Isis) realizada em 5 de março; e **Inventio** (Descoberta), efetuada em 29 de outubro a 1º de novembro, a não ser que, na primeira, a deusa aparece vestida de luto à procura dos membros dispersos do seu esposo-irmão Osíris; e na segunda, com veste de várias cores. Possivelmente nestas festas recordava-se o mito de Ísis e Osíris.

Osíris, filho mais velho de Ket, o deus-terra, e de Nut, a deusa-céu, tendo acabado a unificação do Egito, foi assassinado pelo seu irmão Seth (o Tifon da mitologia grega), que lançou o cadáver no Nilo.

A versão grega conta de modo diferente: Tifon ofereceu a Osíris um festim, cujos convivas eram seus cúmplices. Durante o banquete, Tifon mandou trazer um cofre magnificamente trabalhado, cujo comprimento correspondia intencionalmente à estatura incomum de Osíris e declarou, gracejando, que daria o cofre de presente àquele que o preenchesse exatamente, deitando-se nele. Vários convidados tentaram a experiência, sem êxito; mas desde que Osíris, sem a menor desconfiança, estendeu-se nele, os conjurados fecharam rapidamente a tampa, pregaram-na e atiraram o cofre ao Nilo, que o levou para o mar. Ísis, (é a Io grega transformada em vaca por Hero/Juno, que depois mandara Argo vigiá-la, sendo este mais tarde assassinado por Hermes/Mercúrio. Io foge para o Egito, onde se torna a deusa Ísis), a viúva de Osíris, começou a procurá-lo, e terminou encontrando o corpo em Biblos, onde tinha sido lançado pelas enchentes periódicas do rio. Após diversas peripécias, no decorrer das quais Tifon Seth se apoderou novamente do cadáver e o esquartejou; Ísis voltou a reunir todos os pedaços, exceto os órgãos genitais que ficaram perdidos, e conseguiu ressuscitar Osíris, do qual mais tarde concebeu Horo/Rá, o falcão de olhos faiscantes.

Os **Textos das Pirâmides**, gravados nas salas sepulcrais dos reis da V e VI dinastias, narram que Ket, tendo encontrado o corpo de seu filho Osíris no Nilo, limpou-o do lodo, entregando-o a Nut que readaptara seus membros, e a seguir, Ra lhe ressuscitara, ordenando-lhe que se levantasse. Segundo o testemunho dos **Textos dos Sarcófagos**, traçados com o cálcio nas cubas funerárias do Império Médio egípcio, falando do uso da mumificação, tornado então universal, explica que Ra enviara o corpo de Osíris a Anubis para que este o embalsamasse. Ísis, conforme o texto de um hino, que

se encontra no Louvre, ferira o ar com suas asas por cima da múmia de Osíris, e logo este recomeçara a respirar, levantando-se cheio de vida.

Nenhuma das fontes antigas mostra Osíris retomando a posse de seu reino terrestre. Este ficou para seu filho Horo, que vingou seu pai abatendo Seth. A morte pusera termo ao reinado terrestre de Osíris, que agora, embora revivificado, reinaria em outro mundo.

Releva notar que a perda do sexo de Osíris, quando de sua passagem para um outro mundo, dá à sobrevivência um caráter nitidamente espiritual e a necessidade de unir o Ba (consciência) ao Ka (espírito universal), mais do que ao Ket (corpo carnal), como ensina a religião egípcia.

O escritor romano Apuleio (125-180 d. C.), que foi iniciado nos Mistérios de Ísis, deixou descrições a respeito no livro XI, 28, da sua mais célebre obra: *Asinus Aureus* (o Asno de Ouro) ou *Metamorphoseon*, mas há muitas reticências e frases duvidosas em seu trabalho.

O livro fala dos mistérios das forças sobrenaturais e mostra um quadro detalhado dos costumes e tendências sexuais da época, que através das inibições, terror ao pecado e moralismo hipócrita, acabavam adotando formas anormais e perversas. O argumento, tomado da obra do grego Luciano, intitulada *Lucio*, conta a história do jovem grego Lucio, de Patras, curioso das artes mágicas, que visita a Tessália, onde por equívoco e graças a certo unguento, foi transformado em asno, e não pássaro como queria; embora asno, conservou as faculdades cognoscitivas do homem. Segue, então, uma série de aventuras, até que advertido por Ísis em sonho, reassume a forma primitiva, após ter ingerido rosas. É neste romance que se encontra, pela primeira vez, a história de "Amor e Psiquê".

Conta Apuleio que o ritual de iniciação nos Mistérios de Ísis começa com o banho do neófito, que depois é levado aos pés da deusa, e "tendo em conta várias coisas demasiado augustas para que possam ser divulgadas, o sacerdote convidou-me a fazer jejum durante dez dias. Ao cabo dele, fui recebido (...). O sacerdote vestiu-me de linho branco e levou-me pela mão até o coração do templo; talvez desejas muito saber, ó leitor estudioso, o que foi dito e feito. Di-lo-ef se me fôsse permitido dizê-lo (...)". Apuleio declara

em seguida: "Escuta e crê o que é verdade. Aproximei-me do reino da morte, pisei o limiar de Proserpina, e voltei de lá através dos elementos (planetas). Vi brilhar o sol em plena noite com todo o seu fulgor; abeirei-me dos deuses dos infernos e dos deuses do céu, vi-os face a face, adorei-os de perto". Informa, ainda, Apuleio que no frontão do templo de Ísis estava escrito: "Eu sou o que foi, é, ou será, e ainda nenhum mortal levantou o meu véu". (Os ocultistas sempre aludem a esta inscrição; e a criadora da Doutrina Teosófica, H. P. Blavatsky, escreveu, para explicá-la, o livro *Ísis sem Véu*).

O que Apuleio não disse, diz-nos Plutarco (50-125 d. C.), que também pouco sabe, em sua obra *Sobre Ísis e Osíris*, 28, que "as vestimentas de Ísis tingem-se das mais variegadas cores, pois o seu poder estende-se à matéria que recebe todas as formas e que sofre todas as vicissitudes, uma vez que é suscetível de transformar-se em luz e trevas, dia e noite, fogo e água, vida e morte, começo e fim. Mas o traje de Osíris não apresenta nem sombra nem variedade; possui uma única cor pura, a da luz. De fato, o princípio é isento de qualquer mistura, e o Ser primordial e inteligível é essencialmente puro". E mais adiante: "Os sacerdotes de Ísis usam todo o corpo rapado, vestem túnicas de linho, não comem legumes, nem carne de porco, nem peixes do mar, nem sal, e bebem pouco vinho".

Tomando por base o que sabemos da teologia rudimentar egípcia, verificamos que ela não se compunha unicamente de mitologia, mas exprimia, pela interpretação dos mitos, pensamentos e teorias sobre o divino. O mito de Osíris é antes de tudo um mito de significação moral, propondo, aos homens de todas as condições, a justiça e a beneficência de Osíris, a fidelidade conjugal de Ísis, o zelo de Horo em reabilitar o seu pai e vingar-lhe a memória; pela derrota final de Seth e de seus aliados, o mito traz uma solução ao problema do mal. No fundo essa teologia mítica aproxima-se do monoteísmo. É certo que esse culto prosseguiu na Grécia, passando, posteriormente, para Roma, mas sob aparência modificada de acordo com o contexto histórico; contudo, os iniciados continuavam a receber instruções primordiais vindas do Egito, que lhes faziam compreender a justiça e a bondade, que presidia todas as coisas. Em suma, os Mistérios de Ísis ensinavam aos adeptos uma superior moral, feita para divinizar o homem, dar-lhe a mais alta consciência de seus deveres e de sua personalidade.

Seja como for, os Mistérios de Ísis foram os inspiradores da tradição hermética que se espalhou pelo mundo. É de se ressaltar a importância dessa tradição no pensamento da Renascença, como bem demonstrou Frances A. Yates, professora de História do Renascimento na Universidade de Londres, em sua obra *Giordano Bruno e a Tradição Hermética*, SP, Ed. Cultrix, 1987.

## O CULTO DE MITRA

Culto de procedência iraniana (O Irã, abreviação de *Iran-Shahr*, país dos árias, nos legou três religiões: o Masdeísmo, o Mitraísmo e o Maniqueísmo) constituiu o mais sério rival do Cristianismo até o século IV da nossa era.

Foi introduzido em Roma pelos soldados de Pompeu. Conta Plutarco, em suas *Vidas dos Homens Ilustres*, 6, XXXVI, que "os piratas da Ásia Menor, vencidos por Pompeu, praticavam ritos secretos, entre outros o de Mitra. Graças a eles, o deus persa penetrou em Roma".

Mitra (Mithra) é o grande deus solar dos Aquemênidas ao lado do deus Ahumarazda (Senhor Sábio), depois tornado Ormuzde. (Na Índia eram Varuna e Mitra). A data do seu nascimento foi fixada em 25 de dezembro, no momento em que o sol começa a sua carreira ascendente, no solstício do inverno. (O Cristianismo, posteriormente, adotou essa data para o nascimento de Jesus Cristo). Como o sol ergue-se a cada manhã acima das montanhas, Mitra também deveria nascer de um rochedo; assim venerava-se uma pedra cônica, donde emergia uma criança nua, com o boné frígio na cabeça.

Na festa iraniana de Mitra, o rei persa embriagava-se com uma coroa solar na cabeça. Posteriormente, nos hinos consagrados a Mitra, ele aparece como um guerreiro montado num cavalo branco (associação solar), mas, essencialmente, ele é o amigo, o guardião do "contrato" entre o sol e a lua; intermediário entre a luz e as trevas; entre Ormuzde (o bem) e Arimã (o mal). O sacrifício do touro divino, realizado no seu culto, tem valor de testemunho de redenção: o touro, primeiro ser criado por Ahumarazda, é perseguido por Mitra, que o pega pelos chifres, mas o animal, não se deixando dominar, o arrasta até cansá-lo. Surge, então, o Corvo, mensageiro de Ahumarazda,

que ordena a Mitra a cravar a espada no flanco do touro. O sangue brota, fertilizando o solo, donde germinarão todas as plantas úteis, especialmente, a vinha e o trigo. No dia do julgamento final, esse touro voltará à terra, e após ser novamente sacrificado por Mitra, terá sua banha misturada com o suco da planta **Haoma**, que restituirá a vida, a existência imortal, aos fiéis do mitraísmo. (**Haoma** é mesmo **Soma**, de grande importância no ritual da religião védica).

Em Roma, este culto era celebrado em santuários subterrâneos, ou em grutas, onde continham a imagem de Mitra, degolando o touro, e a estátua do **Tempo Infinito**: um corpo de homem, com cabeça de leão e envolvido por uma serpente, com quatro asas, duas nos ombros e duas nas ancas. O solo e as paredes estavam revestidas de dísticos enigmáticos. O dia consagrado ao deus era o domingo (o dia do sol). Sabe-se que existia um santuário dedicado a Mitra no mesmo local em que hoje está a Basílica de São Pedro.

O candidato que saísse vitorioso na prova das "doze torturas", antes da iniciação final, recebia um bolo feito de pão ázimo, que simbolizava o sol, e era conhecido como o maná (pão celeste). Depois, sacrificava-se um carneiro ou um touro, e com o seu sangue aspergia-se o neófito. (Como ocorreu na iniciação do imperador Juliano).

Os iniciados compunham uma hierarquia de sete graus: Corvo (**Corax**), Oculto (**Cryptius**), Soldado (**Miles**), Leão (**Leo**), Persa (**Perses**), Correio do Sol (**Heliodromus**), Pai (**Pater**), comandada pelo Pai dos Pais (**Pater Patrum**). Estes sete graus correspondiam as sete regras (mistérios), que o **Apocalipse** (5, 1 s) simbolizou nos sete selos que são abertos e entregues aos "nascidos de novo". (É de se notar que o número 7 está presente na simbologia dos diversos mitos, em tudo quanto indique uma seriação progressiva. Ele é simbolizado pela estrela de 7 pontas, que corresponde cada uma a um dos signos do Zodiaco, aos dias da semana (lunar), às notas musicais e aos tons da cor. Assim, o dó corresponde ao vermelho; o amarelo, ao ré; o verde, ao mi; o índigo, ao fá; e o violeta, ao sol, segundo os pitagóricos. Santo Agostinho via no 7 o símbolo da perfeição da Plenitude, e Santo Ambrósio, o da virgindade).

Encontrou-se, recentemente, na Biblioteca Nacional da França, um manuscrito, onde há uma oração do culto de Mitra, que

faz alusão à transmigração das almas, e normas de um cerimonial muito parecido com o batismo cristão.

Quanto às analogias entre o Mitraísmo e o Cristianismo comenta Salomon Reinach em sua obra *Orpheus*, p. 102: "Mitra é o mediano entre Deus e o homem; assegura a salvação dos homens por um sacrifício; o seu culto comporta o batismo, a comunhão, jejuns; os seus fiéis chamam-se irmãos; no clero mitríaco, há homens e mulheres que praticam o celibato; a sua moral é imperativa e idêntica à do Cristianismo. Em suma, só podemos estabelecer comparações, pois não há provas para uma medida exata das correlações entre Mitraísmo e Cristianismo".